

MICROSCÓPIO

Dois tratamentos diversos tem sido até agora preconizados para a Alemanha depois da guerra. Querem uns, no interesse de estabelecer solidamente a sociedade das nações, que, sem prejuízo das reparações que fôr justo e razoavel exigir, passe ela desde logo a fazer parte da comunidade internacional; exigem outros que, durante certo prazo variavel com as circunstancias, seja o país militarmente occupado e sofra, alem disto, outras restrições. Mas o que recomenda o sr. Harry Hopkins, homem da immediata confiança do presidente Roosevelt, em recente artigo publicado numa revista americana, é simplesmente inaudito e espantoso: occupação perpetua da Alemanha e do Japão, afim de lhes impedir o rearmamento e a desforra, e instituição do serviço militar obrigatorio para todos os cidadãos americanos de 18 anos de idade, afim de tornar os Estados Unidos uma grande e inexpugnavel potencia militar, que se tornaria o arbitro do mundo.

Custa crer, realmente, que tais idéias sejam concebidas e pregadas num país democratico, por expoentes da democracia. Assim como Hitler pretendia assentar a paz da Europa e, talvez, do mundo, no dominio da Alemanha e Hirohito imaginava erigir a coprosperidade da Asia sob o senhorio do Japão, gente existe agora, e gente, senão de alta mentalidade, pelo menos de notoria responsabilidade, que nos afirma, com a maior sem-cerimonia, dever repousar na potencia militar dos Estados Unidos a paz universal. E, assim como Hitler avocava para os germanicos o privilegio de raça eleita e predestinada, outra teoria racista surge agora, para nos apresentar aquella gente como fundamentalmente, irredigatavelmente votada ao mal.

Concedamos seja possivel a occupação militar perpetua das duas potencias agressoras; concedamos mais possa ela dar os resultados visados, isto é, que aqueles dois povos, dotados de grande orgulho e tenacidade, fiquem realmente impossibilitados de reagir, mais cedo ou mais tarde, contra os que se terão tornado os seus opressores; passemos por alto a circumstancia de se haverem criado duas nações escravas, exactamente como pretendia Hitler em relação às demais. Admitido tudo isto, que poderá estar muito bem do ponto de vista norte-americano, nós, cidadãos das nações fracas e pacificas temos o direito e o dever de indagar: Quis custodiet custodes? quem há de guardar os guardas da paz internacional? quem nos há-de garantir contra a prepotencia dos mais fortes? quem nos há-de assegurar de que a corrente imperialista, já dominante uma vez, não voltará a dominar nos Estados Unidos?

RAUL PILLA

13.2.45